

DENIS DIDEROT – *FLASHES* DE UMA BIOGRAFIA

Marinêz de Fátima RICARDO*

RESUMO: A vida e a obra de Denis Diderot, filósofo e escritor francês do século XVIII, infelizmente não são muito conhecidas no Brasil. Os estudos que prevalecem entre nós são sobre a sua contribuição filosófica principalmente no movimento denominado as Luzes. Porém, Diderot não se limitou à filosofia, pois os seus estudos e escritos abordaram várias áreas das ciências, da literatura e das artes. Na literatura, dedicou-se a romances e a peças teatrais que retratam a sociedade em que o autor vivia. Porém a forma estética como os assuntos foram tratados e a estrutura usada na organização dos seus textos possibilita uma leitura contemporânea. Devido à extensão da biografia de Diderot, apenas reunimos informações possíveis de delinear a sua importância na área das letras francesas, fornecendo um breve estudo sobre este literato que já é apontado por vários teóricos como um dos fundadores do gênero romance moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Denis Diderot. Literatura francesa do século XVIII. Origens do romance moderno. *Jacques, le Fataliste*.

No horizonte, uma nova Luz

Considerado paradoxal por estudiosos de sua vida e obra, Denis Diderot deixou-nos uma bibliografia múltipla. Adepto da literatura, das artes plásticas, da música e das ciências, suas idéias, presentes em suas obras, influenciaram a sociedade dos séculos XVIII, XIX, XX e se mantêm contemporâneas.

Sobre a importância de sua obra, afirma Guinsburg (1987, p.15):

Com Voltaire e Rousseau, Denis Diderot foi uma das figuras seminais do Século das Luzes e da fermentação cultural que levou à Revolução Francesa. Sua obra e suas idéias, não menos do que as do autor de *Candide* ou do *Contrato Social*, encontram-se na

* Doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – São Paulo – Brasil. 14800 901 – marinezfricardo@yahoo.com.br

base não só do movimento do racionalismo francês ilustrado, como do processo de toda a modernidade filosófica, política, científica, literária e artística. Por isso o estudo de sua contribuição não pode esgotar-se nos numerosos traços já fixados pela crítica tradicional. Uma reavaliação constante de sua significação torna-se uma necessidade, na medida em que o conhecimento histórico se aprofunda e a consciência do papel desse precursor em tantos “campos” da cultura e da ciência se faz mais nítido e é assimilado.

O filósofo nasceu em Langres, a 5 de outubro de 1713. Filho do cuteleiro Didier Diderot e ligado pelos laços maternos a vários clérigos, entre eles o Cônego Vigneron, seu tio, cujo canonicato poderia herdar. Por isso, afirma Bénac (1962), a família de Denis o destinava a cônego, sendo encaminhado para estudar com os jesuítas de Langres. Em seus primeiros anos de estudo, destacou-se em matemática e latim, mas apresentava problemas disciplinares, já despertava em si um espírito independente.

Sobre esse período da vida de Diderot há poucas informações, o autor fez escassas referências, em suas obras, à sua infância. Uma das poucas passagens é citada por Wilson (1985, p.17, tradução nossa):

As alusões de Diderot a sua infância são raras, mas, em 1773, ele tentava desembaraçar-se de uma passagem difícil de Horácio e serviu-se de palavras e de construções muito inusitadas. Aquilo lhe recordou sua infância e as condições de seus primeiros anos de escola. “Quando eu estudava latim sob a autoridade das escolas públicas, uma armadilha que eu preparava ao meu diretor, e que sempre tinha êxito, era empregar essas frases insólitas; ele se indignava, ele se enfurecia contra mim: e quando ele estava bem irritado, bem indignado, eu reenviava, com uma pequena citação, todas suas injúrias a Virgílio, a Cícero ou a Tácito.”¹

Mesmo criando dificuldades aos seus mestres, continuou os estudos e, de acordo com Guinsburg (1987), foi tonsurado aos doze anos. Dois anos depois, faleceu seu tio, e como estava previsto, o sobrinho foi indicado para ser seu sucessor. Dessa forma, o desejo da família de fazê-lo um religioso parecia que se concretizaria.

No entanto, inicialmente, o Capítulo da catedral colocou alguns obstáculos e, depois, o próprio Diderot se interessou por outros projetos: desejava noviciar na Companhia de Jesus. Essa decisão desagradara a sua família, e Diderot,

¹ *“Les allusions de Diderot à son enfance sont rares, mais en 1773, il essayait de débrouiller un passage difficile d’Horace en se servant de mots et de constructions très inusités. Cela lui rappela son enfance et les conditions de ses premières années d’école. “Lorsque j’étudiais le latin sous la férule des écoles publiques, un piège que je tendais à mon régent, et qui me réussissait toujours, c’était d’employer ces phrases insolites; il se récriait, il se déchaînait contre moi: et quand il s’était bien déchaîné, bien récréé, je renvoyais par une petite citation toutes ses injures à Virgile, à Cicéron ou à Tacite.” (WILSON, 1985, p.17).*

ciente da desaprovação familiar, planejou uma fuga quando todos estivessem dormindo. Porém, seus planos foram descobertos por seu pai, que pensou ser melhor ceder ao desejo do filho. Nessa época, ele teve acesso a diversas ciências que intensificaram seu pensamento independente que fora despertado em sua infância.

Poucas informações existem sobre esse período. O que se sabe é que, após receber o grau de “mestre de artes”², dedicou-se à carreira jurídica, não a seguindo por muito tempo, fato que desgostou sua família. Seu pai acreditava que já era tempo de o filho prover a sua própria subsistência e os subsídios paternos tornaram-se escassos.

Diderot amava a sua liberdade, e a carreira jurídica trazia obrigações e responsabilidades que não lhe agradavam. Com a decisão paterna de suspender-lhe sua pensão, passou a viver com o pouco que obtinha com alguns escritos. Vivia mal, mas era seu próprio senhor, levou uma vida descompromissada.

Quase dez anos de sua vida resumiram-se entre cafés, aventuras amorosas. O escritor trabalhava apenas para sobreviver. Entretanto, a sua liberdade foi aprisionada pelos belos olhos negros de uma mulher. Em 1741, ele conheceu Anne-Antoniette Champion. Ela e a mãe tinham um pequeno comércio de roupa branca e rendas.

Diderot inventou uma história para se aproximar da moça, disse que entraria para o seminário de Saint-Sulpice no próximo mês e o enxoval estava incompleto e pediu pois que elas fizessem algumas peças. Depois de algum tempo ele desfez a farsa. Antoniette não apenas o perdoou como se tornaram amantes.

Em fevereiro do ano seguinte, Diderot traduziu *Histoire de la Grèce* do inglês Temple Stanyan: foi essa a sua primeira tradução. Além disso, a língua inglesa foi fundamental em sua formação crítica, capacitando-o a realizar diversas leituras de obras que não eram publicadas em francês.

Sua habilidade em ler inglês representou uma proeza rara na França do século XVIII, que lhe deu meios de fazer buscas em fontes científicas, literárias e filosóficas inglesas, de ler autores ingleses que, ao contrário de Bacon e Newton, escreviam apenas em sua língua.

Nessa mesma época, conheceu Jean-Jacques Rousseau no *La régence* em torno das mesas de xadrez, uma amizade que duraria anos. Wilson (1985, p.39, tradução nossa) comenta:

² Título universitário que o habilitava a ministrar o ensino das então chamadas **artes liberais**, especialmente as humanidades e a filosofia.

A juventude de Rousseau é tão conhecida e bem contada nas *Confessions* que nós não diremos nada aqui, senão que, em agosto de 1742, Rousseau chegava a Paris com um novo sistema de anotação musical que ele havia inventado. Um suíço, Daniel Roguim, apresentou-o a Diderot e eles se ligaram imediatamente por uma amizade muito estreita, fundada inicialmente no interesse comum de ambos pela música.³

No final desse mesmo ano, segundo Lepape (1991), Diderot viajou para Langres no início de dezembro, com o intuito de comunicar à família seu desejo de se casar com Antoniette e para pedir uma pensão. Como presente, levou ao pai a tradução da obra de Stayan.

No início, foi muito bem recebido, fazia mais de treze anos que eles não se encontravam, mas o assunto sobre o casamento tornou-se cada vez mais difícil de ser abordado. Ele já estava há mais de um mês na casa paterna quando conseguiu falar sobre as suas intenções e a reação de sua família foi péssima: seu pai negou o consentimento para o casamento.

A cena com os pais deve ter sido terrível. Gritos, armas, discursos dolorosos, anátemas, maldições, ameaças, evocações sórdidas também – tudo que se encontrará nos dramas burgueses de Denis. Histórias de sentimentos, de dinheiro, de honra, de reputação, de herança. O bem e os bens. (LEPAPE, 1991, p.36, tradução nossa)⁴.

Não sabendo como seria recebido por Antoniette, ele lhe escreveu uma carta dramática, em que contava a sua desventura familiar, sua fuga e mostrando-se subserviente às decisões dela, dizendo estar repleto de desgosto, que tinha sofrido muito, e que seu destino dependia de como seria acolhido por ela. Antoniette não cedeu, no primeiro momento, ela não queria fazer parte de uma família em que não era aceita. Diderot insistiu com cartas e bilhetes, sem ter êxito. Depois ficou doente de amor, e só assim conseguiu sensibilizar o coração da moça e de sua mãe. Mme. Champion concordou em repensar a situação e permitiu que a filha restabelecesse o relacionamento.

Dessa maneira, assim que pôde, ele providenciou o casamento, que teve de ser em segredo devido a sua família. Publicou a sua tradução de *Histoire de la Grèce* – editada por Briasson – tendo assim, um pouco de dinheiro para

³ *La jeunesse de Rousseau est si connue et bien contée dans les Confessions que nous n'en dirons rien ici, sinon qu'en août 1742 Rousseau était arrivé à Paris avec un nouveau système de notation musicale dont il était l'inventeur. Un Suisse, Daniel Roguim, le présenta à Diderot et ils se lièrent aussitôt d'une très étroite amitié, fondée initialement sur leur intérêt commun pour la musique.* (WILSON, 1985, p.39).

⁴ *"La scène avec les parents a dû être terrible. Des cris, des armes, des discours douloureux, des anathèmes, des malédictions, des menaces, des évocations sordides aussi – tout ce que l'on retrouvera dans le drames bourgeois de Denis. Des histoires de sentiment, d'argent, d'honneur, de réputation, d'héritage. Le bien et les biens."* (LEPAPE, 1991, p.36)

pagar os custos referentes ao matrimônio e para acalmar a noiva afim de que ela não se opusesse à situação. Dessa forma, “[...] à meia noite do dia 6 de novembro de 1743, ele e ela casam-se na Igreja de Saint-Pierre-aux-Bouf, destinada aos matrimônios clandestinos.” (GUINSBURG, 1987, p.17). Foram morar na rua Saint-Victor, próximo à praça Maubert. Na dúvida se deveria escrever à família para comunicar a oficialização de sua união, optou por não informar, e somente seis anos depois Antoniette seria apresentada à “*sa belle-famille*”.

Conforme Trousson (2005, p.61-62, tradução nossa), essa situação clandestina incomodava Antonitte:

Para Nanette, a situação não era satisfatória, não somente porque, jamais sendo associada às atividades exteriores de seu marido, ela mantinha uma existência retirada, mas sobretudo porque ela, durante os primeiros anos, para que nada se soubesse em Langres, conservou seu nome de solteira, o que a fazia passar no bairro por uma mãe solteira e Diderot por seu irmão⁵.

Assim foi a sua vida de casada, o marido freqüentava os cafés, os salões e ela sempre recolhida à sua casa, muitas vezes passando dificuldades, angustiada com as muitas perdas que tivera, totalmente afastada do mundo social de Diderot. A diferença intelectual que existia entre os dois sempre foi o ponto principal de distanciamento entre ambos. Essa foi a origem de muitos problemas domésticos que tiveram, bem como das infidelidades que ela sofreu.

Por outro lado, Diderot expandia cada vez mais o círculo de contatos. A amizade com Rousseau continuava e, em 1744, este o apresentou ao abade Étienne Bonnot de Condillac, do qual havia sido preceptor. Dessa maneira formou-se o primeiro núcleo do grupo filosófico.

Para piorar a situação domiciliar, em agosto desse ano, nasceu sua primeira filha, Angélique, e a criança faleceu no mês seguinte. Ele continuava a trabalhar na tentativa de suprir as necessidades da família. Nessa época, juntamente com Eidous e Toussaint, fez a tradução do *Dictionnaire de médecine* de Robert James, que foi editada por Le Breton.

Segundo Lepape (1991), as primeiras traduções de Diderot são comedidas e exatas, porém quando se dedicou à obra de Shaftesbury, *l'Essai sur le mérite et la vertu*, fez uma tradução livre (re)criando um outro texto. O crítico afirma que

⁵ “Pour Nanette, la situation n'était pas réjouissante, non seulement parce que, jamais associée aux activités extérieures de son mari, elle menait une existence retirée, mais surtout parce qu'elle dut, pendant les premières années, afin qu'on n'apprit rien à Langres, conserver son nom de jeune fille, ce qui la faisait passer dans le quartier pour une fille-mère et Diderot pour son frère.” (TROUSSON, 2005, p.61-62).

Diderot fez uso do texto de Shaftesbury, cortou-o, serviu-se dele, usufruiu, ao mesmo tempo que lhe deu um impulso, um caráter, uma direção.

A obra foi publicada em 1745, em Amsterdã, com o nome de *Principes de la morale ou Essai de M. S. sur le mérite et la vertu*, sem conter o nome do autor e nem do tradutor.

Guinsburg (1987) comenta que essas novas idéias libertaram Diderot do espírito do século XVII e lhe apresentaram o das Luzes, por lhe sugerir um novo tipo de herói cultural que seria o “filósofo”.

Dessa forma, a leitura que Diderot fez da obra de Shaftesbury iniciou um processo que jamais cessaria. Ele passou a ver a religião por um prisma crítico e questionador, contestando, em vários momentos, o que havia estudado com os jesuítas.

Novas responsabilidades, novas atividades

O ano de 1746 foi marcado por importantes acontecimentos na vida de Diderot. Segundo Desné (1968), foi nesse ano que ele se associou a Jean Le Rond d’Alembert. D’Alembert foi um intelectual precoce, grande conhecedor de física e matemática. Entrou na Academia de Ciências aos vinte três anos, era um homem discreto e modesto.

A amizade entre os dois foi fundamental aos trabalhos de tradução da *Cyclopaedia*. D’Alembert, que já era respeitado pelos seus conhecimentos científicos, ao se dedicar à elaboração da *Encyclopédie*, atraiu colaboradores; e, também, contribuiu diretamente para a estruturação e edição do dicionário.

No mesmo ano, em maio, nasceu o segundo filho Diderot, Jacques-François-Denis, mas a criança viveu pouco mais de quatro anos, morreu em 1750.

Diante da necessidade de manter a família, Diderot escreveu *Les pensées philosophiques*, durante a Páscoa. Proust (1974) comenta que *Les pensées* possui em sua forma, assim como em seu conteúdo, uma continuação e uma refutação às *Pensées* de Pascal, e seria também uma continuação das *Lettres anglaises* de Voltaire. Entretanto, a obra de Diderot nutre uma contestação mais intensa à teologia e à moral da Igreja.

Nessa época, ele acabara de mudar-se para a rua Mouffetard, próximo a Saint-Médard, paróquia dos “convulsionários”, e seu livro incomodou seus vizinhos. Todavia, a obra obteve sucesso de venda, dez edições, uma tradução

alemã, e a condenação ao fogo pelo Parlamento a 07 de julho do mesmo ano. Era o início de uma série de obras que gerariam polêmicas.

Nesse ano ainda, em junho, recebeu o convite para traduzir a *Cyclopaedia*. Inicialmente, era apenas uma tradução da obra em inglês e depois, devido ao trabalho de Diderot, tornou-se a síntese do pensamento filosófico do século XVIII.

De acordo com Lepape (1991), o início do projeto da *Encyclopédie* data de 1745. Um alemão de Dantzic, chamado Sellius, propôs ao editor Le Breton traduzir a obra inglesa *Cyclopaedia, or an universal dictionary of arts and sciences*, de Ephraïm Chambers que aparecera em Londres, em dois volumes, em 1728. Na Inglaterra, a obra fizera sucesso, demonstrando, assim, o novo interesse que era despertado nas pessoas, nessa época, por diversos domínios de práticas do saber.

Outras circunstâncias fizeram com que ele fosse, juntamente com d'Alembert, o editor da *Encyclopédie*. O pagamento pelo trabalho não era muito, mas poderia proporcionar-lhe um pouco de tranqüilidade, pois era um pagamento fixo.

Em 16 de outubro de 1747, d'Alembert e Diderot tornaram-se oficialmente os diretores da *Encyclopédie*, o primeiro encarregado sobretudo da parte matemática da obra. O contrato garantiu a Diderot um pagamento fixo de sete mil e duzentas libras, pagáveis à proporção de doze por cento dos livros a partir da publicação do primeiro volume, o restante seria pago em mensalidades de cento e quarenta libras. (TROUSSON, 2005, p.108-109, tradução nossa)⁶.

Ao aceitar a responsabilidade, não imaginava o que isso representaria em sua vida. Vinte anos foi o tempo que ele dedicou a esse projeto, escrevendo artigos, visitando oficinas, revisando textos e, em muitas ocasiões, executando o seu trabalho clandestinamente, devido às perseguições incitadas pelo poder religioso. Porém, manteve sua obstinação e levou até o fim a obra que seria considerada, anos mais tarde, «a grande realização do espírito do século XVIII.»

Todavia, Belaval (2003a) comenta que apenas a quantia que Diderot recebia com o trabalho da *Encyclopédie* era insuficiente para manter a família, por isso, para complementar sua renda ele escrevia outras obras que eram publicadas anonimamente.

⁶ “Le 16 octobre 1747, d'Alembert et Diderot devenaient officiellement les directeurs de l'Encyclopédie, le premier chargé surtout de la partie mathématique de l'ouvrage. Le contrat garantit à Diderot un forfait de sept mille deux cents livres, payables à raison de douze cents livres à la sortie de presse du premier volume, le reste par mensualités de cent quarante-quatre livres.” (TROUSSON, 2005, p.108-109).

No ano de 1747, ele escreveu *De la suffisance de la religion naturelle*, que foi editada somente em 1770 e *Promenade du sceptique ou les allées*, obra anti-religiosa.

Devido à denúncia sobre seus escritos, segundo Desné (1968), nessa época Diderot era observado pela polícia, mas ainda não havia provas suficientes para fazer algo contra ele.

No ano seguinte, consoante Belaval (2003b), ele escreveu seu primeiro romance, *Les Bijoux Indiscrets*, para satisfazer as exigências financeiras de Mme. Puisieux. Trata-se de obra libertina que imitava *Sopha* (1740) de Crébilon Filho e *Nocrion, Conte Allobroge* (1747), atribuído a Caylus. Dez anos mais tarde, ele incluiu mais dois capítulos no romance. A obra foi publicada na Holanda e entrou clandestinamente na França, tendo boa vendagem.

Acrescenta Belaval (2003a) que, ainda em 1748, Denis Diderot escreveu, *L'oiseau blanc, Conte bleu*, publicado somente em 1798 e publicou *Mémoires sur différents sujets de mathématiques*.

Esse foi um ano de perdas, sua irmã Angélique Diderot, que era interna em um convento das irmãs ursulinas, morreu louca. Pode ter sido esse um fator que o levou, anos mais tarde, a escrever *La religieuse*. Outra perda ocorreu em outubro, o falecimento de sua mãe. Entre danos pessoais, continuou a sua produção literária, e em dezembro ele compôs a *Lettre d'un citoyen zélé*.

Em 1749, afirma Bourdin (2007), no dia 3 de junho foi posta à venda a publicação, anônima, de *Lettre sur les Aveugles à l'Usage de Ceux qui Voient*, que foi decisiva para a prisão de Diderot.

A *Lettre sur les Aveugles* leva a seu término a evolução de Diderot em direção a um materialismo de fundamento científico. Sua prodigiosa visão *lucrétienne* – da origem do mundo e de uma natureza em constante movimento onde se eliminam as combinações falhas – não anuncia porém o evolucionismo, nem mesmo uma concepção pré-darwinista da adaptação dos seres mais bem organizados segundo a concorrência vital. (TROUSSON, 2005, p.129, tradução nossa)⁷.

Era o documento que faltava para a sua prisão, o que não tardou. No dia 24 de julho, do mesmo ano, ele recebeu a visita da polícia que o levou para o Castelo de Vincennes, onde ficou preso até 3 do novembro. Nos primeiros interrogatórios, ele negou a autoria de todos os escritos dos quais era acusado de

⁷ "La Lettre sur les aveugles mène à son terme l'évolution de Diderot vers un matérialisme à fondement scientifique. Sa prodigieuse vision – lucrétienne – de la genèse du monde et d'une nature en perpétuel mouvement où s'éliminent les combinaisons manquées n'annonce pourtant pas le transformisme, ni même une conception pré darwinienne de l'adaptation des êtres les mieux organisés selon la concurrence vitale." (TROUSSON, 2005, p.129).

ser autor e isso apenas agravou a sua situação. Depois assumiu a autoria e apenas manteve a negação sobre *L’oiseau*, afirmando que era de uma dama, mas que não poderia revelar a sua identidade. Ele somente recebera o manuscrito para fazer leitura e tecer comentários, satisfazendo à solicitação da autora.

Depois disso a sua ordem de prisão foi mantida, porém mais amena, já podia caminhar pelos jardins do castelo, receber visitas e dar continuidade a seu trabalho de pesquisa para a elaboração da *Encyclopédie*. Fora, mesmo, montado um verdadeiro escritório para que pudesse desenvolver os seus estudos. Para usufruir dessa liberdade, assinou um documento em que se comprometia a não deixar o castelo, tendo como pena, caso descumprisse a sua palavra, ficar retido lá por tempo indeterminado.

Cita Belaval (2003b) que, no ano seguinte, Diderot conheceu Friedrich Melchior Grimm, e os dois, juntamente com Rousseau, formariam um trio de amigos inseparáveis. Acrescenta Lepape (1991) que, em outubro, Diderot escreveu o *Prospectus* da *Encyclopédie*, que circulou em novembro e teve a tiragem de oito mil exemplares, fato editorial único do Antigo Regime.

A vida familiar continuava com problemas, a 30 de junho, morreu François-Jacques-Denis, com quatro anos, e, em 29 outubro, nasceu Denis-Laurent que morreria em dezembro.

Em 1751, Diderot publicou a *Lettre sur les sourds et muets à l’usage de ceux qui entendent et qui parlent*, atacando a tese do abade Batteux que queria reconduzir as Belas-Artes ao único princípio da imitação. O filósofo questionava o uso da gramática e a estética.

Em 28 de junho do mesmo ano, foi publicado o primeiro volume da *Encyclopédie* com o “*Discours préliminaire*” de d’Alembert. A obra foi atacada pelos jesuítas: falou-se de plágio, acusou-se de irreligião o “lockismo” em que ele se inspirou.

O ano de 1752 foi produtivo: o filósofo foi a Langres e reconciliou-se com seu pai. Além disso, o segundo tomo da *Encyclopédie* foi publicado a 22 de janeiro. Todavia, a 7 de fevereiro, um embargo do Conselho do rei ordenou a supressão dos dois primeiros volumes. Diderot foi discretamente defendido por Malesherbes, o diretor da *Librairie*, e por Mme. Pompadour, predileta de Luís XV, que admiravam o trabalho do filósofo.

A primeiro de agosto desse ano, uma companhia de atores italianos apresentou *La serva padrona*, de Pergolesi, que despertou a querela dos Bouffons, até 1754. Segundo Trousson (2005), os Bouffons eram um grupo itinerário de

ópera cômica, que apresentava peças de Scarlatti, Leo, Pergolesi, Jomelli e Vinci. A *opera buffa* era um gênero cômico do teatro musical italiano, nascido em Nápoles no início do século e era destinada a divertir os espectadores nos intervalos das “óperas sérias”. Era uma música viva que se opunha à sobriedade da música francesa. Isso fez com que recebesse acusações de excitar a vulgaridade e ser perigosa. Diderot, d’Holbach, Grimm e Rousseau defenderam-na da crítica e atacaram a majestosa, aristocrática e solene ópera francesa que representava a imagem do regime em que viviam.

Em defesa da música italiana, e como em ataque à música de Rameau – musicista contemporâneo de Diderot e defensor da ópera francesa – Rousseau publicou a *Lettre sur la musique française*; Grimm, *Le petit prophète de boehmischbroda*, e Diderot, no início de 1753, *Arrêt rendu a l’amphithéâtre de l’opéra*.

O ano de 1753 marcou o nascimento, a 2 de setembro, de Marie-Angélique, única filha do casal Diderot que sobreviveu e que futuramente seria Mme. de Vandeuil. Em novembro, o filósofo publicou *Pensées sur l’interprétation de la nature*, como reação contra o *Systema nature* (1751) de Maupertuis. No mesmo mês, foi publicado o terceiro tomo da *Encyclopédie*. A obra já era um sucesso e as vendas superavam o esperado pelos editores.

Em 1754, Diderot foi apresentado, por Bufon, ao presidente da academia de Dijon, De Brosses. Além disso, o quarto tomo da *Encyclopédie*, de “Conseil” a “Dix”, apareceu em outubro, em plena batalha sobre a bula *Unigenitus*, contendo o artigo sobre a “Constitution”. Denis preparou, à parte, *L’histoire et le secret de la peinture en Cire*, que seria o artigo “*Encaustique*” do quinto tomo. Nesse ano, foi a Langres novamente.

No ano seguinte, faleceu, a 10 de fevereiro, Montesquieu. Diderot foi o único homem de Letras a acompanhar o seu enterro. Em julho, iniciou o seu relacionamento com Sophie Volland (nascida a 27 de novembro de 1716), com quem manteve uma vasta correspondência da qual se tem conhecimento apenas em parte, algumas cartas foram destruídas.

Nesse ano, em novembro, foi publicado o quinto tomo da *Encyclopédie* com o artigo “*Droit nature*” de Diderot. Os trabalhos em torno da *Encyclopédie* continuaram e, em maio de 1756, foi publicado o seu sexto tomo. Nessa época, Diderot foi visitar Mme. d’Épinay, amante de Grimm. Ele foi ao “*Ermitage*” onde ela alojara Rousseau. Nessa ocasião, já era observável o distanciamento entre os dois filósofos, tornando difícil o relacionamento.

No ano seguinte, Diderot experimentou outro gênero e voltou-se para a dramaturgia e, em fevereiro de 1757, publicou *Le Fils Naturel*, que seria apresentado pela primeira vez, no verão de 1761, no teatro particular do duque de Ayen em Saint-Germain-en-Laye.

No século XIX, Teófilo Braga, observou a importância da obra dramática de Diderot para o teatro moderno romântico:

A influência de Diderot no teatro moderno do Romantismo foi reconhecida pelos críticos contemporâneos; Genin, erudito sem vistas de conjunto, e por isso hostil a Diderot, escreve: “o que se chamou de **arte romântica**, com o seu fausto de verdade dê por onde der, não era mais do que um caldo requentado dos velhos sistemas de Diderot. No seu livro **L’Eglise et les Philosophes au Dix-huitième siècle**, Lanfrey filia ao drama de Diderot, Sedaine, Lessing, Goethe e Schiller e toda a escola dramática moderna: “Os seus admiráveis **Salões**, onde o entusiasmo do bello e uma assombrosa segurança de instinto o guiam mais infallivelmente do que todas as vãs theorias de esthetica, imprimiram à Arte um feliz impulso que – preparou de longe a renovação de que fruimos os benefícios sem soffrermos a penivel iniciação. (BRAGA,1884, p.533, grifo do autor)⁸.

E, mais de um século depois, Guinsburg (1987) ratifica a importância do filósofo para o gênero dramático. Diderot seria o iniciador, no século XVIII, de uma dramaturgia em que o homem comum, as relações sociais, o cotidiano invadem o palco e faz uso da realidade para criticar a realidade:

Diderot concebe o novo drama como aquele em que o espectador há de deparar-se consigo próprio e com seu “estado na sociedade, o letrado, o filósofo, o comerciante, o juiz, o advogado, o político, o cidadão”, em todas as suas relações familiares, “o pai, o esposo, o irmão, os irmãos”. Inicia-se pois a construção da “quarta parede” do teatro realista e, sobretudo, o processo de dissolução dos gêneros que viria à tona com o Romantismo, prolongando-se em maré montante até os vanguardismos de hoje. E mesmo na época, a fecundidade das ideias propostas por Diderot fez-se sentir de pronto. Não é por amabilidade que Lessing, em 1760, escreveu que, “depois de Aristóteles, nenhum espírito mais filosófico do que ele (Diderot) se ocupou com o teatro. (GUINSBURG, 1987, p.48).

No outono de 1757, ainda, publicou-se o sétimo tomo da *Encyclopédie*, que contém o artigo “*Genève*”. Todavia, a situação não era confortável, havia ataques constantes aos enciclopedistas o que tornava o trabalho mais difícil e, ao mesmo tempo, era um ato de ousadia contra os poderes religiosos.

Nessa época, Diderot, começou a colaborar para a *Correspondance littéraire* de Grimm. A *Correspondance* era um periódico manuscrito e confidencial,

⁸ Manteve-se a escrita da época.

enviado a alguns assinantes das cortes europeias. Muitas obras do filósofo tiveram a sua primeira publicação nesse periódico. Esse trabalho prosseguiu até 1772.

No início de janeiro do ano seguinte, a *Encyclopédie* perdeu um dos seus diretores, d'Alembert comunicou a Malesherbes e a Voltaire seu desejo de abandonar o projeto e, a partir daí, Diderot continuou a empreitada sem a ajuda do matemático.

Mas esse não era seu único problema. Em 27 de julho, Hélvétius, colaborador da *Encyclopédie*, publicou *De l'esprit*; o livro provocou um escândalo contra os filósofos. Mais uma polêmica, a segurança da continuidade dos trabalhos estava cada vez mais abalada.

Por outro lado, a produção individual de Diderot alcançava prestígio. Em novembro, ele publicou *Père de famille*, acompanhado do *Discours sur la poésie dramatique*.

Em 1759, a 3 de junho, faleceu o pai do filósofo, foi um momento de grande sofrimento. No final de julho, Diderot foi a Langres, imaginando que poderia resgatar a fraternidade abalada entre ele, Denise e Didier. Mas seu irmão se manteve insensível e irredutível e a viagem foi um fracasso.

Ele retornou a Paris e a situação não era das melhores. Depois de constantes ataques e condenações feitos à *Encyclopédie*, foi revogado o privilégio de sua publicação, ela havia sido condenada pelo Parlamento e pelo Conselho Real.

A situação era séria, no entanto, nem os editores nem Diderot aceitaram abandonar a tarefa iniciada, assim, resolveram continuar o trabalho clandestinamente. Quando estivesse concluído, entregariam de uma só vez todos os exemplares.

Paralelo ao seu trabalho na *Encyclopédie*, em setembro, Diderot escreveu seu primeiro *Salon*. O texto se propunha uma análise crítica das obras de arte expostas no Palais-Royal e aberta ao público em geral. Para a redação do texto, recolheu-se em Grandval, propriedade de Mme. d'Aine, sogra de Holbach.

Em novembro, Sartine, amigo de Diderot, foi nomeado tenente de polícia. Isso gerou um pouco mais de tranqüilidade para que continuasse os seus trabalhos filosóficos.

A 2 de maio de 1760, Charles Palissot apresentou *Philosophes* na Comédie-Française. A peça difamava os enciclopedistas e Rousseau e Diderot é representado como um aventureiro malfeitor chamado de Dortidius.

Como uma forma de revanche à peça de Charles Palissot, Voltaire apresentou um pedido para que Diderot entrasse na Academia Francesa, na tentativa de promover o reconhecimento da importância do filósofo para o saber do país. Entretanto, o pedido foi recusado e, para a indignação de Denis, ele jamais pertenceu a essa Academia.

Conforme Desné (1968), nesse mesmo ano foi iniciada a “brincadeira” que resultaria na obra *La religieuse*. Diderot e Grimm iniciaram uma correspondência com o marquês de Croismare, como se fossem uma jovem religiosa que desistira de seus votos e que havia fugido do convento onde fora encerrada, e pedia a sua ajuda para se ocultar, pois era procurada pela justiça. A última carta da jovem ao marquês data de 18 de maio do ano corrente. Em setembro, o filósofo foi para Chevrette, à casa de Mme. d’Epinay e elaborou o romance *La religieuse*.

Diderot guardou a obra até 1780, quando foi corrigida e publicada na *Correspondance* de outubro do ano corrente a março de 1782. Somente em 1796 a história de irmã Suzanne ganhou forma de livro.

Enquanto trabalhava em *La religieuse*, Diderot adaptou *Le joueur*, baseada em *The Gamester* de Edward Moore, demonstrando assim interesse pelo tema das tragédias domésticas. Sua atenção voltava-se para obras do tipo moralizante e que rompessem com a velha estrutura social.

O ano de 1761 foi produtivo, em fevereiro, ocorreu a apresentação de *Père de famille* na *Comédie-Française* e Diderot iniciou o processo de revisão dos últimos tomos da *Encyclopédie*.

Nessa época, sofre uma grande perda com a morte de Richardson, em julho. Diderot demonstrou todo o seu respeito e admiração pelo escritor inglês ao escrever *Éloge de Richardson*, que foi publicado apenas em janeiro do ano seguinte no *Journal étranger* e depois foi reeditado em volume em agosto.

Em setembro, ele escreveu o segundo *Salon*. Dessa vez o evento ocorreu nas galerias do Louvre onde foram organizadas as exposições ulteriores. Os comentários críticos de Diderot ultrapassam a mera descrição das obras. Ele fala da técnica, das cores, da textura das obras; dessa maneira, os leitores que não pudessem visitar a exposição tinham uma idéia bem precisa das obras expostas.

O ano de 1762 é a data provável do início do esboço de *Le Neveu de Rameau*. Essa obra é na realidade um diálogo filosófico travado entre o “eu” e “ele”, sendo que o “eu” é um filósofo – pode-se dizer que representa Diderot – e o “ele” Jean-François de Rameau, sobrinho de Jean-Philippe Rameau. Rameau, o tio, foi um importante músico contemporâneo do filósofo, no entanto, nutriam

opiniões contrárias em relação à música o que ficou evidente na querela dos Bouffons.

Apesar de haver fatos indicando que tenha sido escrita nesse período, provavelmente, segundo Bénac (1962), foi retomada em 1765 e 1772. Sua primeira publicação foi na Alemanha, em 1805, de uma tradução feita por Goethe. Na França, apenas teve a sua primeira edição em 1821, de uma tradução do alemão para o francês, mas ela era bem inexata. Depois dessa, várias outras versões apareceram, até que, em 1890, Georges Monvalm, bibliotecário da *Comédie-Française*, encontrou um dos exemplares originais feito por Diderot. Esse passou a ser a matriz para as futuras edições da obra.

Ainda no ano de 1762, Catherine II o convidou para ir terminar a *Encyclopédie* na Rússia. Apesar do respeito que nutria por ela e dos riscos que corria ficando em Paris, ele recusou o convite e o trabalho foi concluído na França.

No mesmo período, de acordo com Belaval (2003a), Diderot teve acesso à obra de Laurence Sterne. Sterne foi a Paris, em janeiro, para publicar os tomos V e VI de *Tristram Shandy*, os quais chegaram a Diderot em agosto do mesmo ano a pedido do autor da obra.

Em 1763, passou a se dedicar integralmente a outros escritos; escreveu *Introduction aux grands principes*, publicada em 1798; em setembro, o terceiro *Salon*; e entre outubro e dezembro, *Lettre à Monsieur de Sartine sur le commerce et la librairie*.

Nessa época, Sartine, amigo de Diderot, substituiu Malesherbes como diretor da *Librairie*. Isso trouxe tranquilidade quanto à distribuição da *Encyclopédie* e, assim, a entrega dos primeiros tomos de ilustração pôde começar.

O ano de 1764 marcou o final do trabalho de revisão da *Encyclopédie* e ele descobriu que Le Breton modificou e cortou alguns artigos, aqueles que eram mais críticos em relação ao governo e à religião. A indignação de Diderot foi imensa e, sobre o fato, cita Trousson (2005, p.383, tradução nossa):

A 12 de novembro, Diderot envia a Le Breton uma longa carta na qual a cólera se mistura à dor. Vós me apunhalastes, Senhor, vós mutilastes um trabalho de vinte anos: “Vós, covardemente, me enganastes dois anos seguidos. Vós massacrastes ou fizestes massacrar por um imbecil bruto o trabalho de vinte pessoas honestas que vos consagraram seu tempo, seus talentos e suas vigílias gratuitamente, por amor ao bem e à verdade, e com a única esperança de ver aparecer suas idéias e de colher alguma consideração de que eles são bem merecedores, e da qual vossa injustiça e vossa ingratidão os terão privado”⁹.

⁹ “Le 12 novembre, Diderot adresse à Le Breton une longue lettre où la colère se mêle à la douleur. Vous m’avez poignardé, Monsieur, vous avez mutilé un travail de vingt années: “Vous m’avez lâchement trompé deux ans

No entanto, não havia mais nada a ser feito, as alterações foram efetuadas nos volumes já impressos. Anos de trabalho, de muita determinação eram responsáveis pelo resultado que se apresentava, uma obra única que muito incomodou os detentores do poder, clero e realza, pois sabiam que em sua essência existia o despertar para um olhar crítico da sociedade que poderia abalar a estrutura social vigente. Por isso, a conclusão do intento só foi possível por ter um grupo de pessoas que se prestaram a protegê-lo das oposições constantes que existiram.

Uma das protetoras dos enciclopedistas Mme. Pompadour faleceu nesse ano, a 15 de abril. Ela foi importante defensora de Diderot, até mesmo quando ele esteve preso em Vincennes.

Durante anos de pesquisa para a elaboração da *Encyclopédie*, Diderot formou uma vasta biblioteca sobre diferentes áreas e ciências. Ao término do trabalho, o acervo já não se fazia tão necessário, além disso, a sua venda poderia gerar dividendos. Catherine II foi informada por Grimm da intenção do filósofo e, em março de 1765, ela comprou a sua biblioteca e, ainda, pagou-lhe para ser guardião da mesma.

Em julho de 1765, o filósofo conheceu Naigeon, uma amizade que foi até os seus últimos momentos de vida. Após a morte de Diderot, Naigeon foi o responsável pela organização da publicação das *Oeuvres* do autor, na qual, no entanto, não se sabe porque, não consta *Le neveu de Rameau*.

Nessa época, Diderot dedicou-se à teoria pictórica: em setembro, escreveu o quarto *Salon* e, em seguida, o *Essais sur la peinture*, que foi publicado somente em 1796.

Em outubro, Sterne retornou a Paris e entregou a Diderot os tomos VII e VIII de *Tristram Shandy* que contêm a passagem que anos mais tarde seria a gênese de *Jacques le Fataliste*.

Em dezembro desse mesmo ano, os dez últimos volumes da *Encyclopédie*, tomos de VIII a XVII, foram impressos. A sua entrega ocorreu apenas a partir do início do próximo ano.

Em 1767, o autor escreveu o quinto *Salon* e, no ano seguinte, *Regrets sur ma vieille robe de chambre*, publicado na *Correspondance littéraire* em 1º de fevereiro de 1769.

de suite. Vous avez massacré ou fait massacrer par une bête brute le travail de vingt honnêtes gènes qui vous ont consacré leur temps, leurs talents et leurs veilles gratuitement, par amour du bien et de la vérité, et sur le seul espoir de voir paraître leurs idées et d'en recueillir quelque considération qu'ils ont bien méritée, et dont votre injustice et votre ingratitude les aura privés.» (TROUSSON, 2005, p.383).

A 18 de maio de 1769, Grimm partiu para a Alemanha e deixou sob a responsabilidade de Diderot a *Correspondance littéraire*. Em 2 de setembro, Diderot finalizou *Le rêve de d'Alembert*, que foi publicado na *Correspondance littéraire* somente em 1782. No mesmo ano, em continuação ao seu trabalho de crítico de arte, Diderot escreveu o sexto *Salon*.

Em 1770, redigiu *Principes philosophiques de la matière et du mouvement*. Em agosto viajou para Langres e Bourbonne, resultando no texto *Les deux amis de Bourbonne*. Wilson (1985) comenta que a história é insípida, modelada em um falso primitivismo, e sua intriga é repleta de inverossimilhança. O *Entretien d'un père avec ses enfants*, da mesma época, é um texto encantador, repleto de cores locais, com doces lembranças, uma bela pintura. As duas obras foram publicadas em 1773, bem como, talvez, a primeira versão do *Paradoxe du comédien*, que os leitores da *Correspondance littéraire* puderam ler nos fascículos de 15 de outubro e 1º de novembro.

Ainda, segundo o autor, em 1771, ele escreveu *Leçons de Clavecin* de Bemetzrieder; e no verão do mesmo ano, o *Plan d'un opéra-comique*. Em agosto, teria lido para Jacques-Henri Meister – substituto de Grimm na redação da *Correspondance* – durante duas horas, o primeiro esboço de *Jacques le fataliste*. Também é desse ano a redação do sétimo *Salon*.

Em março de 1772, escreveu o *Essai sur les femmes* e *Lettre à la Comtesse de Forbach sur l'éducation des enfants*.

A 9 de setembro, foi o casamento de sua filha, Angélique, com Caroillon de Vandeuil, pertencente a uma família de Langres amiga da de Diderot. Ele sente muito por ter que se distanciar de Angélique; apesar dos vários problemas conjugais, ele sempre foi muito próximo da filha, demonstrando grande preocupação pela sua formação.

Sua produção continuou e, em outubro, ele terminou de escrever *Ceci n'est pas un conte*, publicado em *Correspondance littéraire* em abril de 1773; *Madame de la Carlière*, publicado em 1779; e redigiu a primeira versão do *Supplément au voyage de Bougainville*.

Em 11 de junho de 1773, Diderot deixou Paris, ficou em La Haye de 15 de junho a 20 de agosto, escreveu nessa época *Voyage de Hollande* e iniciou a escritura de *Réfutation d'Helvétius*. Depois foi para Saint-Pétersbourg onde ficou de 8 de outubro a 5 de março de 1774. Nessa época, redigiu as *Mémoires* para Catherine II que contêm, sobretudo, o *Projet d'un plan d'université*.

Em 1774, voltou para Hamburgo, onde ficou até outubro, deu continuidade à *Réfutation d'Helvétius*, e começou a reunir os *Éléments de Physiologie*. Também escreveu *Entretiens avec la Maréchale****, esboçou suas *Observations sur le Nakaz*, fez anotações de *Lettre sur l'homme et ses rapports*, de Hemsterhuis, que foram publicadas apenas em 1964.

É dessa data, ainda, a última revisão de *Le neveu de Rameu*, bem como a última carta a Sophie Volland de que se tem conhecimento, datada de 3 de setembro. A 21 de outubro, retornou a Paris.

Em setembro de 1775, publicou o oitavo *Salon*. Em 1776, ele foi para Sèvres, no campo, onde continuou seu trabalho de escritura. Em 23 de maio, faleceu Julie de Lespinasse e em 23 de dezembro o Dr. Bordeu, dois personagens de *Rêve* que ele revisara no verão.

O ocaso

Diderot, em 1777, levava uma vida retirada, e recuperou o prazer pelos estudos. Meditava sobre Sêneca e trabalhava na *Histoire des deux Indes* do abade Raynal. Em julho e em agosto enviou para a *Correspondance littéraire* “*La pièce et le prologue*” que recebeu como título *Est-il Bon? est-il Méchant?*

Afirma Belaval (2003a) que em 1778, a 10 de fevereiro, Voltaire foi a Paris, e provavelmente tenha encontrado Diderot: seria a primeira e última vez que se veriam. Segundo Trousson (2005), consta na *Correspondance secrète* de Métra a ocorrência do encontro entre os dois filósofos, talvez tenham falado sobre Shakespeare que Voltaire detestava e Diderot admirava.

Os filósofos já não são tão jovens e o tempo, indiferente à contribuição intelectual, é severo com todos. A 30 de maio morreu Voltaire e a 02 de julho, Rousseau. Diderot sente que é chegada a sua hora crepuscular. Retomou a idéia de publicar suas *OEuvres*, e além disso, enviou para a *Correspondance littéraire* sua primeira *Satire* e os primeiros fascículos de *Jacques le Fataliste*.

Desné (1968) comenta que em dezembro desse mesmo ano, saiu, ainda, a primeira edição de *Essai sur les Règnes de Claude et de Néron*.

Conforme Belaval (2003b), pouco se sabe sobre a vida de Diderot em 1779, provavelmente trabalhava, ainda, na *Histoire des deux Indes*, que o Parlamento condenaria a 19 de maio de 1781.

No ano seguinte, em abril, Goethe leu *Jacques le fataliste*. Ele teve contato com a obra a partir de um exemplar da *Correspondance*. E a partir de setembro, a *Correspondance Littéraire* passou a publicar *Voyage de Hollande*.

Parecia que tudo caminhava para a organização dos últimos atos dessa grande peça. Em 1781, Diderot rompeu com Grimm. Em setembro, escreveu o seu último *Salon* e, em outubro, reiniciou o projeto da publicação completa de suas *OEuvres*.

A 15 de abril de 1782, faleceu Mme. d'Épinay e nesse mês dedicou-se a *Nouvelle addition à la lettre sur les aveugles*. Nesse ano, foi publicada a segunda edição do *Essai sur les Règnes de Claude et de Néron*.

A partir de janeiro de 1783 até março de 1786, a *Correspondance Littéraire* publicou a *Réfutation Suivie de l'Ouvrage d'Helvétius l'Homme*. Datam, ainda, nesse ano, as últimas correções de *Jacques le Fataliste* e o falecimento de d'Alembert, a 28 de agosto.

A 22 de fevereiro de 1784, faleceu Sophie Volland, que deixou para Mme. de Vandeuil, filha de Diderot, algumas cartas de seu pai, que seriam publicadas mais tarde.

A saúde de Diderot estava cada dia pior e suas acomodações não eram boas. Grimm comentou com Catharine II a situação do filósofo e, graças à generosidade dela, ele pôde mudar para um apartamento na rua Richelieu a 15 de julho. Entretanto, usufruiu pouco da nova residência, faleceu no dia 31 do mesmo mês.

[...] ao terminar de almoçar, escreve a filha, “ele apoiou o cotovelo para apanhar a compota de cereja, nesse momento tossiu ligeiramente. A Sra. Diderot fez uma pergunta a que ele não respondeu. Ela levantou a cabeça. Ele estava morto.” (GUINSBURG, 1987, p.26).

Poucas pessoas estiveram presentes em seu enterro, apenas a família e algumas pessoas mais próximas. Talvez por ironia, depois de tanto combater os dogmas religiosos, Diderot foi enterrado na igreja de Saint-Roch, próxima a sua nova casa.

Domingo, 1º de agosto, às sete horas da noite, o filósofo foi, pois, enterrado na capela da Virgem, e o sino de Saint-Roch soou para o cético. Quem estava presente? Não se sabe bem. Família à parte, Naigeon parece ter sido o único homem das letras a assistir ao enterro de Diderot, como Diderot tinha sido o único, em outra ocasião, a acompanhar o de Montesquieu. (TROUSSON, 2005, p.624, tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ “Le dimanche 1er août, à sept heures du soir, le philosophe fut donc inhumé dans la chapelle de la Vierge,

No entanto, a sua estada sob o teto sagrado da igreja Saint-Roch durou pouco. Durante a Revolução Francesa, a igreja foi invadida, todos os corpos foram removidos e jogados em valas comuns, entre eles o de Diderot. É o que ratifica Trousson (2005, p.626, tradução nossa):

Voltaire foi levado com grande pompa para o Panthéon em 1791 e Jean-Jacques Rousseau o seguiu três anos mais tarde, mas nada se pensou para fazer entrar aí o pai da *Encyclopédie*, do qual tantas obras, é verdade, permaneceram ignoradas pelo público. Desconfortável no seu “terno de madeira”, onde ele esperava o veredicto da posterioridade, Diderot não repousou longo tempo sob a proteção da Virgem. Durante a Revolução, as tumbas de Saint-Roch foram profanadas. Se os restos do filósofo foram então, como o de tantos outros, lançados em uma fossa comum, a chuva paciente logo venceu e eles voltaram a unir-se à matéria eterna, na expectativa de alguma misteriosa recomposição neste universo onde Diderot soubera, antes de Lavoisier, que nada se perde e nada se cria¹¹.

Cita Proust (1974) que, no mês de junho de 1830, Charles Nordier publicou na *Revue de Paris* o artigo intitulado “*De la prose française et de Diderot*”. Esse artigo marcou uma ruptura clara com os hábitos de leitura presos ainda ao século XVIII e à Revolução. Ele instaurava na França uma nova forma de crítica. Esse artigo foi responsável por despertar a curiosidade dos leitores para a obra de Diderot.

Proust (1974) afirma que a história de Diderot não é uma, são várias histórias, assim como a interpretação de sua obra. O seu título de filósofo só foi reconhecido em 1855 na obra *Études sur le XVIIIe Siècle* de Bersot, que inseriu o autor na área da Filosofia. Comte e os positivistas consideravam-no como um mestre e um precursor. Mas no século XX, ainda, o ensino oficial de filosofia na França dava a Diderot um valor modesto e discreto, diferente do que aconteceu na União Soviética, a partir de 1917, por razões ideológicas.

Proust (1974) prossegue comentando que Diderot, durante a sua vida, não fora conhecido como crítico ou romancista, a sua entrada no campo da literatura deu-se graças a Schiller e Goethe na Alemanha, que traduziram suas obras.

et le glas de Saint-Roch sonna pour le mécréant. Qui était présent? On ne sait trop. Famille à part, Nageon semble avoir été le seul homme de lettres à suivre le convoi de Diderot, comme Diderot avait été le seul, autrefois, à accompagner celui de Montesquieu.” (TROUSSON, 2005, p.624).

¹¹ “Voltaire fut mené en grande pompe au Panthéon en 1791 et Jean-Jacques Rousseau l’y suivit trois ans plus tard, mais nul ne songea à y faire entrer le père de l’*Encyclopédie*, dont tant d’oeuvres, il est vrai, demeureraient ignorées du public. Engoncé dans son fourreau de bois où il attendait le veredict de la postérité, Diderot ne reposa pas longtemps sous la protection de la Vierge. Pendant la Révolution, les tombes de Saint-Roch furent profanées. Si les restes du philosophe furent alors, comme ceux de tant d’autres, jetés dans une fosse commune, la pluie patiente en eut bientôt raison et ils retournèrent se mêler à matière éternelle, dans l’attente de quelque mystérieuse recomposition dans cet univers où Denis Diderot avait su, avant Lavoisier, que rien ne se perd et rien ne se crée.” (TROUSSON, 2005, p.626).

Porém na França, seu país, até a primeira metade do século XIX, suas obras não eram consideradas “clássicas”. A *Sorbonne*, os liceus negavam-se durante mais de um século, a considerá-lo como um mestre das letras francesas. Essa situação só foi alterada com a evolução literária que permitiu ler Diderot à luz das obras de Balzac, de Baudelaire, de Proust, na visão surrealista ou de Joyce.

Nos anos que se seguiram, muitas leituras foram feitas das obras de Diderot em vários países. Os países que mais se destacam nos estudos críticos são: França, Alemanha, Rússia, Japão, Estados Unidos, Itália e isso graças às traduções que possibilitaram o acesso às obras do autor. Entre os ilustres leitores, nas diversas épocas, podemos citar: Schiller, Goethe, Hegel, Nodier, Comte, Taine, Rosenkranz, Morley, Groethuysen, Engels, Marx, Kogan, Lénine, Dieckmann, Casini, Venturi, Mornet, Pruner, Gatcev, Lefebvre, Todorov, Kundera, Sumi. Pela óptica de seus contemporâneos, dos românticos, dos positivistas, dos marxistas, dos modernos sempre foi possível uma nova leitura e uma recriação da obra de Diderot, mantendo, assim, um diálogo com todas as gerações.

Tendo conhecimento das obras e da vida de Diderot, pensa-se que ele era uma pessoa, verdadeiramente, à frente de seu tempo. Seus contemporâneos não podem ser culpados por criticá-lo, a sua filosofia, os seus conceitos podiam parecer palavras sem nexos no século XVIII. Somos nós, pesquisadores do século XXI que temos mais conhecimento para dar o justo valor à riqueza literária deixada pelo escritor. Essa forma de ver Diderot, talvez mais próximo do que ele realmente foi, apresentada à nossa geração, é observada por Wilson (1985, p.288, tradução nossa):

Mas o verdadeiro Diderot, o Diderot que a geração presente (mais que nenhuma das que a procederam) estima e admira, revela-se nessas obras-primas inéditas. Há nas mesmas (é uma característica do Diderot da última fase) um certo ar de procurar, de ter achado e, no entanto, de ainda procurar. Ele questiona a vida e responde à vida, dialética sutil e vigorosa. Enfim, as sombras tardias de Diderot têm o ar de olhar longe e profundo nos mistérios da vida, mais profundo que qualquer outro homem de seu século, – à exceção de Goethe – o fará. Para empregar um termo que agradava a Emerson e a Carlyle, ele tornara-se aquele que realmente vê – um observador¹².

¹² “Mais le vrai Diderot, le Diderot que la génération présente (plus qu’aucune de celles qui l’ont précédée) estime et admire, se révèle dans ses chefs-d’œuvre inédits. Il y a en eux (c’est une caractéristique du Diderot de la dernière période) un certain air de chercher, d’avoir trouvé et pourtant de chercher encore. Il questionne la vie et répond à la vie, dialectique subtile et vigoureuse. Bref, les ombres tardives de Diderot ont l’air de regarder loin et profond dans les mystères de la vie, plus profond qu’aucun autre homme de son siècle, – à l’exception de Goethe – ne le fera. Pour employer un terme qui plaisait à Emerson et à Carlyle, il était devenu celui qui voit réellement – un observateur. ombres tardives de Diderot ont l’air de regarder loin et profond dans les mystères de la vie, plus profond qu’aucun autre homme de son siècle, – à l’exception de Goethe – ne le fera. Pour employer un terme qui plaisait à Emerson et à Carlyle, il était devenu celui qui voit réellement – un

O material a que temos acesso hoje, por muitos anos esteve no domínio de um número limitado de pessoas. As diversas polêmicas geradas por suas obras apenas mostram o quanto as suas idéias são incômodas a grupos alienantes e que temem a conscientização social. Por isso, a leitura e a releitura de seus escritos tornam-se necessárias para que, por um novo ângulo crítico, se possa repensar sua colaboração intelectual.



DENIS DIDEROT – FLASHES OF A BIOGRAPHY

ABSTRACT: *Abstract: The life and work of Denis Diderot, philosopher and French writer of the 18th century, is, unfortunately, not very well-known in Brazil. The studies that prevail among us are mainly about his philosophical contribution mainly in the movement called The Lights. However, Diderot wasn't limited to philosophy, whereas his studies and writings have approached several science, literature and art areas. In literature, he was devoted to novels and plays, in which he portrayed the society where he lived, but the way the themes were treated, and the structure used concerning the organization of his writings, facilitate a contemporary reading. Due to the extension of Diderot's biography, we just gathered information possible to have his importance outlined in French literature, in a brief study on that writer, considered for several theoreticals as one of the founders of the modern novel gender.*

KEYWORDS: *Denis Diderot. French literature in the 18th century. Modern novel origins. Jacques, le fataliste.*

REFERÊNCIAS

BELAVAL, Y. **Études sur Diderot**. Paris: PUF, 2003a.

_____. Preface et vie littéraire de Diderot. In: DIDEROT, D. **Jacques le fataliste**. Manchecourt: Gallimard, 2003b. p.7-32.

BÉNAC, H. Apresentação. In: DIDEROT, D. **Jacques, o fatalista**. Tradução de Antônio Bulhões e Miécio Tati. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1962. p.5-20.

BOURDIN, J.-C. Chronologie. In: DIDEROT, D. **Pensées philosophiques**. Manchecourt: Fammarrion, 2007. p.7-56.

BRAGA, T. Diderot. **Revista de estudos livres**, Lisboa, v.2, p.529-535, 1884.

observateur. " (WILSON, 1985, p.288).

Marinêz de Fátima Ricardo

DESNÉ, R. Chronologie et introduction. In: DIDEROT, D. **La religieuse**. Manchecourt: Flammarion, 1968. p.5-34.

GUINSBURG, J. Denis Diderot. In: DIDEROT: comunicações apresentadas ao Colóquio Internacional Diderot. Organizado pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII. Coordenado por Maria Helena Carvalho dos Santos. Lisboa: Universitária, 1987. p.13-52.

LEPAPE, P. **Diderot**. Manchecourt: Flammarion, 1991.

PROUST, J. **Lectures de Diderot**. Paris: Armand Colin, 1974.

TROUSSON, R. **Denis Diderot ou Le vrai Prométhée**. Paris: Tallandier, 2005.

WILSON, A. M. **Diderot sa vie et son oeuvre**. Paris: Laffont, 1985.